

**cinema**

ELY AZEREDO

**"100 MIL DÓLARES POR UM BANDIDO"**

O western italiano, raramente feito com alguma imaginação e inventiva, continua invadindo o mercado brasileiro em grandes lotes que vulneram gravemente o nível da programação. Embora quase sempre proibido até 18 anos, pela violência gratuita e amorabilidade dos personagens, dirige-se, por seu convencionalismo repetitivo e seu superficialismo a espectadores com idade mental muito mais baixa. Esse Cem Mil Dólares por um Bandido (ou 100 000 Dollari per Lassiter, como quer o título original) é de uma indigência impressionante como concepção e realização. Para crer, é preciso ver.

O anti-herói, Lassiter, é um desses frajolas de saloon, fala mansa, frio, pontaria infalível, que estamos habituados a ver pelo menos em três ou quatro sub-filmes por mês. Matar não é preocupação prioritária de

Lassiter. Seu way of life é faturar, ameaçando aqui, chantageando ali. Mas na hora de matar ele o faz com um sorriso nos lábios — diríamos até com elegância se esse tipo, na interpretação (?) de Robert Hunder, não fosse sobretudo um exemplo de canônico.

Todos roubam, matam, extorquem, seviciam. O panorama da maior parte dos far west peninsulares (italianos ou ibero-italianos) não fogem a esta rotina. Mas é difícil aceitar sem asco a glorificação de vigaristas feita sistematicamente nesta linha de produção. Inclusive porque os heróis-bandidos das penínsulas mediterrâneas não têm sequer um milésimo da inteligência e da sofisticação dos similares made in USA. Rasteiros na caracterização, na interpretação, em todas as ações, os Lassiter. Django & Cia. se dirigem a farras de público atraídas por

qualquer ruído de tiros, por espetáculos que não exigem o menor esforço mental. Mesmo como relax, este círculo é vicioso demais. Qual será a continuação da coisa em cartaz? Cem Mil Cadáveres para Lassiter?

Deixamos a história para quem tiver aptidões (extra-sensoriais?) para curtir o vácuo. Fica aqui apenas um registro da inaceitável bobalagem do espetáculo. E não podemos deixar de frisar o pauperismo técnico que atinge até a fotografia, a dobragem, a montagem. Coisas que há muito tempo deveriam ser provas eliminatórias para a circulação de um filme.

100 000 DOLLARI PER LASSITER — Elenco: Robert Hunder, Pamela Tudor, Luigi Pistilli, José Bodalo e outros. Direção: J. R. (Joachim Romero Marchent). Em Eastmancolor/Totalcolor. Co-produção: P. E. A. (Itália), Centauro (Espanha). Distribuição: Art Filmes, Cines Art-Palácio. Censura: 18 anos.



Robert Hunder no western de J. R. Marchent

**música**

RENZO MASSARANI

**PORTAS FECHADAS PARA UMA ARTISTA INTERNACIONAL**

Uma pianista. Velma Richter, sobrenome russo e alemão de uma pianista bém brasileira, catarinense, que desde 1966 reside nos Estados Unidos — voltou nestes dias ao Rio, também como representante... do seu representante-empresário Konstantin Plo Ulsky, com a esperança de poder tocar novamente aqui. Mas a Sala Cecília Meireles está fechada por obras, o máximo teatro lírico do Brasil está nas vésperas de iniciar sua Temporada do Sesquicentário com Caetano Veloso, a Rádio Ministério da Educação e Cultura aumenta dia a dia suas programações absurdamente popularescas: *nicht zu machen!* Entretanto a nossa pianista, graças a sua firme vontade e seu valor, lá fora conseguiu destacar-se da multidão dos bons pianistas da atualidade e conquistou um lugar de muito relevo.

Hall: seu difícil programa compreendia obras de Bach, Beethoven, Prokofiev, Schumann, Chopin e Liszt. Sobre essa manifestação decisiva para a jovem pianista, o crítico Robert Scherman, no *The New York Times*, escreveu grandes elogios, concluindo: "Entre as suas realizações vitoriosas, a mais extraordinária foi a do *Mephisto Waltz*, de Liszt. Por muito tempo não ouviremos outra execução tão empolgante." e outro crítico, Herbert Kupferberg, afirmou que "Velma Richter surpreendeu e agradou o público, com a graça e a sensibilidade das suas realizações."

Velma não conseguiu tocar no Rio; mas, logo no próximo mês de abril, iniciará uma *tournee* na Europa, que começará em Londres.

Um Concurso: O Circulo de Arte Vera Janacopulos promove, na Guanabara, seu VI Concurso de Canto de Camara. Esta nobre sociedade fundada há 16 anos em homenagem à ilustre cantora brasileira, continua, assim, desempenhan-

do a tarefa de incentivar os intérpretes e os repertórios de música concertística.

As provas deste Concurso serão realizadas em junho, nos dias 12, 13, 15 e 16, às 20 horas, no auditório do Palácio da Cultura; o Circulo organizador espera poder apresentar novos e valiosos elementos, tais como o que se destacaram nos Concursos dos anos passados: Dirceia Amorim, Maria Lúcia Godói, Rita Paixão, Teresinha Rohrig, Regina Silveira, Alexandre Trick, Norina Barra e Aldo Baldin. Desta vez, o Circulo Janacopulos contará com a colaboração de outras entidades, como o Instituto Cultural Brasil-Alemanha e o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação da Guanabara. Os prêmios são três, respectivamente de Cr\$ 2 mil, Cr\$ 1 mil e Cr\$ 500,00; haverá também um prêmio especial de Cr\$ 500,00, oferecido pelo ICBA, para o melhor intérprete de música contemporânea, brasileira ou estrangeira. Para maiores esclarecimentos e inscrições, telefonar a um dos seguintes números: 265-4849, 225-5170, 225-1948.



A pianista catarinense Velma Richter



Paisagem com Natureza Morta: um dos Bonnard que estão expostos no Museu de Arte de São Paulo

**UMA EXPOSIÇÃO SÍNTESE DO DECORATIVO BONNARD**

São Paulo (Sutursal) — O Museu de Arte de São Paulo iniciou as comemorações dos 25 anos de suas atividades com a inauguração da mostra do pintor francês Pierre Bonnard. São 39 telas — representando paisagens, naturezas mortas e paisagens — seguradas por Cr\$ 28 milhões e que vieram ao Brasil por gentileza da Fundação Wildenstein, de Londres. Esta exposição de Bonnard é itinerante e já esteve nas principais cidades dos Estados Unidos e da Europa. Primeira escala na América do Sul, a exposição depois da permanência de um mês em São Paulo, segue para o Rio onde ficará por duas semanas.

**UM ARTISTA A DESCOBERTO**

Bonnard era grande admirador de Renoir, o que se torna evidente com uma simples visão destas 39 obras. Esta admiração, e mais o interesse pelas teorias de Gauguin levou Bonnard a desertar da Academia Julian e formar o Grupo Nabis ao lado de Vuillard, Rousseau, Denis, Ranson, Ibels e René Piot.

Em 1890, participa com Vuillard da chamada Renascença Idealista, preferindo pintar interiores de casas burguesas e nus, abandonando por algum tempo as paisagens.

Bonnard procura, por esta época, novos equilíbrios de composição e novas possibilidades para as cores. Todo o Grupo Nabis — e Bonnard especialmente — tinha grande admiração pelas estampas ja-

ponêsas e seus detalhes decorativos. Como resultado, produz um tipo de pintura entre o afresco e a aquarela, de preferência jogada sobre o papelão, deixando transparecer a textura cinzenta do fundo.

O Grupo Nabis tinha como maior preocupação a de criar novidades e fugir, de qualquer maneira, ao estilo impressionista. Já no fim da vida, Bonnard apresenta uma fantasia pictórica cheia de sutilezas, aparecendo o objeto como símbolo do próprio objeto. Como os impressionistas dançaram as cores escuras e terrosas, Bonnard fez questão de reintroduzir essas cores, obtendo novas harmonias.

A crítica acusou-o de decorativo. Bonnard admitiu tais críticas porque, como ele mesmo dizia, "pinto pelo prazer, sem preconceitos, como um narrador decorativo."

Nascido em Fontenay-aux-Roses, Pierre Bonnard por insistência do pai, estudou Direito, mas sua verdadeira vocação era para as artes plásticas. Em 1888, trabalha na Escola de Belas-Artes e candidata-se, sem resultado, a um concurso em Roma. Nesta mesma época, Bonnard desenvolve sua criatividade e vive o período de maior produção.

Em 1947, Bonnard morre em Le Cannet, mas um mês depois de seu falecimento a posteridade começa a reconhecê-lo. Inaugura-se a exposição na Galeria Georges Moos, de Zurique, considerada por alguns a mostra mais completa sobre Bonnard.

**teatro**

YAN MICHALSKI

**AR ABAFADO & PRÊMIO IBEU**

Dois dos principais teatros oficiais do Rio estão funcionando sem os seus sistemas de ar condicionado: o Teatro João Caetano, propriedade do Governo estadual, e o Teatro Nacional de Comédia, propriedade do Governo federal. No João Caetano, o aparelhamento *pijou* há cerca de dois meses, e até hoje não foi consertado; no TNC, o colapso deu-se às vésperas da estreia de *Mimi Pra Frenxex*, e o reparo também não foi providenciado a tempo.

O único argumento imaginável — o da falta de verbas — simplesmente não pode ser aceito. Todo mundo sabe que a Divisão de Teatro do Estado e o Serviço Nacional de Teatro, responsáveis pela administração das salas, são órgãos virtualmente falidos; mas se os Governos do Estado e da República confiam a esses órgãos falidos a administração dos seus teatros, têm a obrigação de dotá-los de uma reserva financeira específica para imprevistos dessa espécie, e que não possa ser desviada para nenhum outro fim. Se tal reserva não está disponível, isto quer dizer que os respectivos órgãos não têm competência mínima para assumir a responsabilidade da administração dos teatros. Neste caso seria preferível transferir essa responsabilidade para outras mãos, que possam enfrentar a tarefa com maior competência.

O que não é possível é que o público, os artistas, os técnicos e as companhias sofram as consequências do descaso oficial. A temperatura que encontrei sábado no João Caetano, na estreia de Gilberto Gil, é decididamente insalubre, tanto para quem trabalha como para quem assiste, e prejudica indiscutivelmente a comunicação entre o palco e a platéia. Imagino o prejuízo financeiro que a falta do ar refrigerado deve estar causando a José Vasconcelos, que arrenda atualmente o João Caetano, bem como à companhia de Eni Ribeiro, que se apresenta no TNC. E os dois empresários devem estar pagando aos respectivos teatros as mesmas taxas de aluguel que pagariam se o sistema de refrigeração estivesse em pleno funcionamento. Seria justo que a Divisão de Teatro e o SNT pagassem aos arrendatários alguma espécie de multa ou indenização — mas que indenização pode ser cobrada de um órgão que não tem dinheiro para consertar um equipamento de ar condicionado?

O mesmo Governo que impõe aos cinemas o tabelamento dos preços dos ingressos, dependendo entre outros fatores da existência ou não de um adequado condicionamento do ar, não se mostra disposto a providenciar o conserto do equipamento de refrigeração do seu próprio teatro. Pode-se imaginar uma incoerência maior?

**PRÊMIO NORTE-AMERICANO**

Pela quarta vez consecutiva, o Instituto Brasil-Estados Unidos atribuiu na semana passada o seu prêmio de teatro, destinado à melhor encenação apresentada no Rio durante cada temporada, e baseada num texto de autor norte-americano. O mesmo júri que funcionou nas três primeiras edições do Prêmio IBEU, presidido pelo Dr. Murilo Belchior e integrado por Bárbara Heliodora, Maria Fernanda, Henrique Oscar e este redator, escolheu *Os Rapazes da Banda* como a melhor entre as sete produções que concorriam à premiação de 1971. Os espetáculos anteriormente distinguidos com o Prêmio IBEU foram *Q. Preço*, *O Jovem Homem Feio* e *Hair*.

A simpática iniciativa do IBEU, que entre outros motivos destina-se a estimular a divulgação da dramaturgia norte-americana nos palcos brasileiros, parece estar atingindo os seus objetivos: nada menos de sete montagens de peças americanas em um ano é um recorde que supera de muito longe as médias dos anos anteriores. *Liberdade para as Borboletas*, *Um Violinista no Telhado*, *A Margem da Vida*, *O China*, *Chicago 1930* e *Tudo no Jardim* integram o campo dos concorrentes de *Rapazes da Banda*, cuja vitória se deu entretanto por unanimidade do júri.

Em data a ser oportunamente marcada, o IBEU organizará o já tradicional coquetel para a entrega do cheque de Cr\$ 5 mil ao produtor John Herbert e de medalhas comemorativas ao tradutor Milor Fernandes, ao diretor Maurice Vanau, ao cenógrafo Ciro del Nero e aos intérpretes Raúl Cortez, Paulo César Pereio (estes já distinguidos com os prêmios estaduais de teatro, nas categorias de melhor ator e melhor ator coadjuvante, respectivamente), Gésio Amadeo, Benedito Corsi, Otávio Augusto, Denis Carvalho, Roberto Maia, Paulo Adário e John Herbert.

**ASTERIX**

**O GAULES**

